

## O pratileiro Martins

*Adérito Silveira*

***O Martins tinha trinta quilómetros para andar a pé pela linha do comboio carregando com os pratos mas bafejado pela frescura da madrugada.***

Era um casal caracterizado por alguma rusticidade à moda transmontana do tempo. A mulher era airosa como levandisca e quando ia à fonte trauteava na sua voz modulações que mais pareciam cotovia voando caprichosa ao sabor do vento...o casal tinha fama porque o amor um pelo outro parecia imaculado e imorredoiro. Para além do mais, ambos gostavam de música talvez inspirados pelo cenário idílico e campestre que todos os dias observavam e onde a passara, durante boa parte do ano sobrevoava a casa entoando fantasias e devaneios sonoros.

As mulheres desse tempo, nos anos 40 estavam cheias de filhos e cheias de apertos económicos e trabalhavam até à exaustão em constantes improvisos quando punham o pote ao lume não sabendo o que lhes haviam de meter dentro...

Pelo que se sabe o Martins era músico talentoso na arte de bem tocar os pratos, gabando-se, sem cerimónia de ser o melhor pratileiro da redondeza. Era um homem com uma personalidade cativante e espontânea pois as suas palavras eram diretas e por vezes acutilantes quando acintosamente provocado. Era alguém que irradiava sensibilidade poética quando se falava da natureza e dos seres vivos que nela habitava.

Levantava-se muito cedo buscando novas maneiras de encontrar o fascínio do belo através dos olhares de imagens que não conheciam territórios interditos. Às vezes, com um sorriso fácil, a mulher vinha fazer-lhe companhia e ele olhava-a fixando-lhe os dentes sempre brancos e os lábios mais grossos do que finos que davam àquele sorriso a expressão sensual da sedução; o resto, nela, era espiritual e terno como um raio de sol florindo num jardim de flores...

Nesse dia o Martins, foi para a cama mais cedo baloiçando calmo o corpo para o lado onde mais facilmente dormia. Isto porque no dia seguinte a Banda de Mateus tinha um serviço de muita responsabilidade na Régua com partida no comboio por volta das cinco da madrugada. Como era habitual nestas situações a mulher não pregava olho devido à incumbência de o acordar. Neste caso o despertar do seu homem seria pelas três e meia...Já em sono profundo a mulher olha-o nas têmeoras empedernidas e sorri para ele.

Pelas quatro horas, o Martins, apressadamente emborça um suculento caldo de cebola e um naco de chouriço dentro de um bocado de broa. Não lhe assentou nada bem o chouriço e a viagem a pé para a estação torna-se um martírio, obrigando-o a parar de vez em quando, aproveitando o Martins, para contemplar a lua redonda.

Já na estação fica pasmado porque não vê ninguém e terá pensado que chegou cedo demais. Já lá vão 15 minutos de espera e o músico começa a dar sinais de inquietude. O silêncio adensa-se num sossego como se ali fosse o fim da viagem. Não se ouvem sinais de locomotiva nem de músicos. Entretanto surge o chefe da estação que parecendo alheio a tudo, o confronta timidamente. Quando lhe diz que o comboio já há muito tinha partido, o Martins não esmorece e clama em estridente monólogo: "sinal de partida... a todo o vapor". O chefe olha-o e vê-o, estupefacto, a deslizar linha fora a pé até à Régua. Tinha trinta quilómetros para andar carregando com os pratos mas bafejado pela frescura da madrugada. De vez em quando, para se distrair, apitava como uma locomotiva e depois do: ho, ho, ho, o eco repetia-se pelas encostas e socalcos.

O nosso bravo homem chega exausto à Régua e lá de cima no Socorro ouve bem ao fundo enigmáticos sons da banda, incompreensíveis, sons que se atropelavam, pelo efeito castigador do eco. Nos lábios secos da viagem bailavam-lhe sorrisos e o seu coração, ofegante, não deixava de bater célere de contentamento. O nosso músico pensou: "lá em baixo... faltam os pratos..." sem hesitação, levanta bem alto os dois discos sonoros e tenta acompanhar o ritmo da banda com toda a energia como se fosse o último sopro de vida.

Quando a marcha terminou já o Martins está misturado com os colegas que sabendo da proeza do homem o abraçam com ternura e admiração. Este músico é o exemplo da alma transmontana tirada de um registo assinalável que comove e que nos sensibiliza para a grandeza de coração de tantos músicos que passaram pelas bandas filarmónicas portuguesas.

aderito.silveira@hotmail.com